

MANHÃ DE BAR

Pedro Luís Fagundes AMARAL¹

Profundo. É assim que chamamos algo quando nos toca. Quando sentimos que, em algum sentido, vai mais além. Codifico, ergo sum. Como não ser assim? A rigor, os dados são impressos. Sim, e o não? Com há de ficar a negativa, a proposição calada e altissonante, que pulsa e vibra em ermo lugar, ou planície abrasada. Tudo no crânio. Lacan, Pêcheux, Freud. Derrotado mais uma manhã, levantei. As costas molhadas pelo calor do verão, e os brônquios maltratados pelo tabaco. O paladar pedia bolachas torradas e café passado. Abri bem a janela e o sol derramou-se todo pela sala. Lá fora, os carros eram só felicidades. E também os caminhões e as motos. Olho para o interior da casa e constato que a cadela defecou no piso. Mais uma vez fora do lugar. São as sequências da vida. Repetitivas. Talvez seja necessária essa repetição para que os dias sejam mais palatáveis. Ou para que a memória seja como é.

Visto minha camiseta. A estampa é sindical, e remete a uma luta que ficou no zero a zero. O que vale dizer que perdemos para o governo por WO. A coloração desbotada combinando com a bermuda e o chinelo. Aonde posso ir assim senão a um bar? Em verdade, entro em qualquer lugar. E tinha a convicção de que não sabia para onde ir, mas iria.

Desço as escadas do prédio, cruzo por uma matrona suada, provavelmente voltando do varal, onde dependurou suas peças molhadas. Ela cumprimenta na dose certa, sou recíproco: bom dia! e, em pensamento, completo: lombuda!. Externo um leve sorriso. Em seguida, topo-me com o velhinho e seu cachorro. É muito simpático, e antigo. Fora barbeiro longos anos, colecionador de moedas de vários países. Vive com a esposa, e apostam nas sombras e nas brisas: trocados a recolher do verão.

– E, então, chove?

– Diz que!

¹ Mestre em Ensino de Línguas pela Universidade Federal do Pampa (2015), graduado em Letras pela Universidade da Região da Campanha (2011). Atua como professor na Educação Básica do Estado do Rio Grande do Sul. **E-mail:** plamaral1@hotmail.com

Se der um revertério no tempo, hão de se recolher as roupas do varal. As minhas ficaram dependuradas na janela. Minha esposa me dará uma espinafrada. Além de andar por aí amassado, se encarnando nas mesmas roupas, ainda por cima deixa molharem na chuva. Eu vou para o bar. É bom, sabe. Lá eu fumo, e converso se quero. Tem uma mesinha de toalha quadriculada do tempo do. E também desvisto o figurino de funcionário público, educador, pós-graduado, de quem se espera isso e aquilo. Dou um traguinho pro santo e imagino, por breves instantes, uma cusparada na cara de toda aquela equipe gestora do meu trabalho. Não gastem fotocópias, cuidem os alunos, deem o exemplo, escrevam no quadro! Eu dissolvo quase tudo num gole bem gelado de cerveja, e me remeto a versos de Ginsberg, Blake ou Rimbaud.

Chego, enfim, no bar. Estive amordaçado. Me amordaçam, ergo sum. Lembro do que Ogum disse do meu estado da última vez que estive com ele: de tão tenso e ansioso, eu parecia feito de madeira, estava duro. Sento à mesa e peço a mesma cerveja, aquela à base de milho. O dono, camisa engordurada, botões em falta, e barriga para fora, me traz a garrafa e o cinzeiro. Não emprestam isqueiro por um motivo que me parece óbvio demais para dizer. Sirvo-me num copo não muito asséptico. Dou o primeiro gole. Relaxo. Acendo o primeiro cigarro do dia. É o melhor sabor. Conheça a verdade e ela vos libertará, é o que diz no calendário. Jesus tem o coração em destaque, envolto em uma coroa de espinhos. Divide a parede com um quadro antigo do Internacional da década de setenta, ao lado de medalhas do dono do bar, referentes a torneios de truco. Peço mais uma cerveja. Dessa vez pretendo ser mais lento na degustação. Devagar se vai ao longe, não é assim que se diz? Preciso trapacear o código, embaralhar o alfabeto, como o velho embaralha suas cartas toda a vez que vai aos torneios. É como Barthes diz em *Leçon*. A trapaça salutar.

Não havia, no bar, àquela hora, ninguém com quem conversar. Era, sem dúvida, uma vantagem. Apenas aquela figura, prostrada sobre o balcão, com seu grande bigode branco, mastigando alguma coisa que, pelo jeito, não acabava nunca. O ambiente cheirava a rapaduras e vinho tinto. Se eu não me conhecesse e, de repente, me visse desde fora, o que pensaria? Certamente eu pensaria que eu era alguém que podia dormir.

Esse pensamento, ainda que simples, me tocou. E eu o codifiquei para mim mesmo: profundo. Posso dormir, logo sou? Não dormirei, logo sou? Uma raiva começou a brotar em mim, então procurei aplacá-la com um gole ansioso. O trago desceu denso, parecendo aliviar-me. Mas a minha testa seguiu franzida. Sempre que vejo um velho

bebendo, sem camisa, com camisa, alienado, penso que é alguém que dorme na paz. Por minha vez, eu não dormia na paz. E eu deveria fazer isso.

Tanta gente me conhece. Esse tempo de magistério no serviço público, qualquer tempinho de magistério, nessas cidadezinhas, nos furta do anonimato. No sentido de que é impossível caminhar um pouco sem topar com um rosto conhecido. Aqui sentado, já enxerguei três passando na rua. Te vi passeado com um cachorrinho esses dias, te vi fazendo caminhada com a sua esposa, te vi no mercado fazendo rancho. Há quem tenha me visto inclusive na fila do psiquiatra. Eu adiei, hoje, o café com bolacha torrada. O álcool veio primeiro. Mas recém é de manhã e ainda há bastante tempo para tomar um pretinho. Restam sete cigarros na carteira. Esse é meu sétimo ano letivo, e estou com vinte e sete anos, fazendo dieta (mas não hoje) para perder sete quilos. Dou-me conta de que, há sete anos, tudo poderia ser diferente. Peço mais uma garrafa. Meu isqueiro já está falhando. Acendi, nos dias precedentes, muitos charutos baratos com ele. Comprar outro, aqui neste bar, sai muito caro. Fósforos? Claro que não vendem. Faço o seguinte: no finalzinho de um, acendo outro na bituca.

Mas o que eu dizia mesmo a respeito do código? Que eu estava tirando a espécie dum casaco, para ver se relaxava, pois, afinal, era verão. Minhas roupas de trabalho estavam muito carregadas, tantas coisas que suportei nas costas. Precisava dá-las a alguém.

Estava quase na hora de almoçar e eu precisava curar-me daquele álcool todo, certa vez tomei café, banho, dormi, e de alguma maneira atenuou meu estado. Mas agora acho que estava pesado demais. Paguei a conta e sai. Caminhei cambaleante por outro trajeto, a fim de não me topar com muita gente. Peguei uma ruazinha de paralelepípedos irregulares. Ainda assim senti que alguém me observava. E eu não podia apurar o passo. Poderia cair se forçasse, mas não tinha mesmo noção de minhas pernas. Eu não era Brás Cubas, cujas pernas o levavam tranquilamente. As minhas tremiam. Havia pessoas sentadas em frente às casas, mas não distinguia seus rostos, poderiam ser conhecidas ou não. Puxa vida! Agora então era urinar-me pernas abaixo ou chegar num muro. Chego num muro. Abro o zíper e alivio-me. Detrás do muro, ergue-se uma velha. Provavelmente estava sentada. E ficamos cara a cara. Bagaceiro, a ouço falar e entrar para dentro de casa. A senhora me desculpe. Mas ela, eu tinha a certeza, não me conhecia. Talvez conhecesse alguém que me conhecesse. Precisava estar bom até às duas horas. Minha esposa chegaria do serviço. Mas se não desse, pelo menos necessitava cair dormindo na cama, sem deixar

resquícios. Era difícil, o cheiro de cerveja exalava do corpo. Teria, então, de me tapar. Mas claro, a solução: eu usaria aquele cobertor cheio de letrinhas.

Recebido em: 22 maio 2016.

Avaliado em: 12 jul. 2016.

Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este conto:

AMARAL, Pedro Luís Fagundes. Manhã de bar. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 208-211, dez. 2016.